



C. E Abdias do Nascimento

O Colégio Estadual Abdias do Nascimento, localizado em Nova Iguaçu, maior município da Baixada Fluminense, é a única escola brasileira a mudar de nome por iniciativa de uma comissão da verdade, com uma justificativa pedagógica focada no resgate da memória e da verdade. No dia 13 de dezembro de 2013, exatos 45 anos depois da promulgação do Ato Institucional nº 5¹ (durante o mandato de Costa e Silva), em uma cerimônia que contou com a presença da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos e a Secretaria de Educação do Governo do Estado do Rio de Janeiro, essa escola deixou de ser chamada Costa e Silva - o segundo chefe do Estado militar, que governou o Brasil entre 1966 e 1969 – para, oficialmente, ter como patrono um ícone na defesa da cultura negra e da igualdade racial.

O processo de mudança de nome foi iniciado em agosto de 2013, por sugestão da Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro. A CEV-Rio trabalha no sentido de descobrir causas e autorias das violações de direitos cometidas durante a ditadura, e está comprometida com a implementação de políticas de não repetição que, dentro de um projeto pedagógico, propõem, por exemplo, não homenagear agentes da repressão e ditadores. Neste sentido, a Comissão sugeriu para o então Colégio Presidente Costa e Silva, que já desenvolvia um projeto voltado para a temática dos direitos humanos, que fosse realizada a mudança de nome da instituição.

Para expressar e valorizar o caráter democrático e participativo dessa mudança de nome, a equipe MVJ do Instituto de Estudos da Religião (ISER) entendeu que este documento deveria ser construído de maneira coletiva, em conjunto com a comunidade escolar. Para isso, foi feita uma visita ao Colégio no dia 09 de dezembro de 2014, a fim de esclarecer a proposta deste mapeamento para a Cartografias da Ditadura, dialogar sobre a luta em defesa da memória, verdade e justiça, e,

1 O Ato Institucional Nº 5, o AI-5, foi o quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro depois no golpe civil-militar de 1964, constituindo-se num instrumento chave da repressão, responsável pelo fechamento do Congresso Nacional e por suspender a possibilidade de impetração de habeas corpus nos casos de crimes políticos, garantia básica contra a privação injusta de liberdade.



Colégio Estadual Abdias do Nascimento, localizado na R. Alexandre Fleming, em Nova Iguaçu.



sobretudo, escutar alunos (as) e professores (as). O ISER convidou a professora Elisa Larkin, diretora do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (IPEAFRO)² e viúva de Abdias do Nascimento, para participar dessa conversa na escola.

Foi uma manhã muito instigante, permeada por relatos emocionados e trocas de experiências e percepções, num ano simbólico - o centenário de Abdias e os 50 anos do golpe civil-militar no Brasil. Primeiramente, os alunos do grupo de teatro Fazendo Arte e integrantes do Projeto Saber Étnico-racial (SER), ações interdisciplinares da escola, apresentaram, de surpresa, uma esquete em que Abdias é entrevistado em um programa televisivo; depois leram um texto sobre preconceito racial e luta por direitos e declamaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos; por fim, ainda cantaram as músicas “O que é, o que é”, de Gonzaguinha, e “Cálice”, de Chico Buarque, demonstrando um profundo envolvimento com a história do patrono da

escola. Segundo Ana Villar, professora de Português do colégio e responsável pela criação das apresentações, esses trabalhos foram realizados para estimular os alunos a pesquisar sobre Abdias, para que compreendam a importância desta personalidade e, conseqüentemente, da mudança de nome ocorrida na escola. “Com teatro, podemos alcançar toda a nossa comunidade, numa linguagem mais acessível. Temos este grupo que está fazendo este trabalho maravilhoso retratando o histórico da vida de Abdias do Nascimento e, dentro deste contexto, eles estão se apropriando de um conhecimento legítimo acerca da história. Isso não tem preço!”, encanta-se a professora.

Segundo relataram os alunos e professores na conversa, a primeira reação da equipe escolar e dos estudantes diante da proposta da CEV-Rio foi o estranhamento, afinal, Costa e Silva era um nome familiar para todos, apesar de alguns não saberem quem ele havia sido e/ou o que havia feito. O Colégio foi fundado em 1971, no governo Médici, quando a ditadura atingiu o seu auge, portanto esse nome acompanhou várias gerações de alunos (as) e funcionários (as). De forma carinhosa, a escola era chamada de “Costão”.

Selma dos Reis Prado, ex-aluna e professora do Colégio, assumiu a direção da escola em 2009 com o compromisso de realizar uma gestão democrática pautada num processo pedagógico coletivo que envolvesse toda a comunidade escolar, e logo se entusiasmou com a proposta da mudança de nome. Ela aproveitou que o Colégio que já desenvolvia um trabalho na área dos direitos humanos – o projeto Saber Étnico-racial (SER) – e



Alunas do Colégio apresentam esquete sobre a vida de Abdias.

² Abdias fundou o Ipeafro em 1981, quando voltou ao Brasil após 13 anos de exílio durante a ditadura. Com o apoio de Dom Paulo Evaristo Arns, o Ipeafro instalou-se na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que acolheu a proposta de criar um setor de ensino e pesquisa de assuntos afro-brasileiros e criar uma biblioteca especializada a partir do acervo de Abdias Nascimento. Ao longo dessa trajetória de mais de 30 anos, o instituto tem se dedicado a contribuir para a defesa dos direitos dos afrodescendentes, e a preservar, divulgar e ativar a memória, cultura, história e ativismo negros. Para mais informações: <http://www.ipeafro.org.br/home/br>.



Debate no Colégio com alunos (as), professores (as), direção, pesquisadores do ISER e Elisa Larkin, diretora do IPEAFRO)



Sala do C. E Abdias do Nascimento com acervo do Projeto SER (fonte: arquivo ISER)

buscou sensibilizar a comunidade escolar para que o novo patrono fosse alguém já estudado pelos alunos e com uma trajetória que os inspira. “Nosso compromisso não é só com o conteúdo curricular, mas com a consciência humana, com a criação de mais ambientes de debate e reflexão”, esclarece a diretora. Selma afirma que o conhecimento dos estudantes sobre a vida de Abdias é um reflexo do projeto SER, que tem como finalidade contribuir para a implementação e efetivação da Lei 10.639/20033, além de atuar no combate à discriminação e ao racismo através de ações positivas para a promoção da igualdade racial.

A eleição para o novo nome da escola teve duas fases. Na primeira, as alternativas eram: Edson Luís, estudante secundarista assassinado no Rio de Janeiro pela ditadura militar em 1968; o geógrafo Milton Santos (outro importante intelectual negro), e Abdias do Nascimento. Diante da mobilização em torno do debate étnico-racial, estimulada pelo projeto SER, na segunda fase a disputa foi entre os nomes das duas personalidades negras, tendo sido escolhido pela maioria Abdias, uma das mais importantes lideranças do Movimento Negro.

Abdias do Nascimento foi escritor, jornalista, artista plástico, teatrólogo, ator, poeta e político, tendo sido um dos maiores defensores da luta pelos direitos humanos no Brasil. Nascido em Franca, no interior de São Paulo, menos de trinta anos após a abolição da escravatura no Brasil, Abdias demonstrou desde muito jovem o seu repúdio ao racismo. No bate-papo com alunos (as) e professores (as), Elisa Larkin lembrou um episódio interessante da juventude de Abdias: aos 14 anos, logo após se formar no Ateneu Francano, ele recebeu uma proposta para trabalhar como “guarda-livros” em uma fazenda, com uma ótima oferta salarial. Quando percebeu que precisaria viajar em uma carroça - junto de galinhas, cabras e suprimentos alimentares para os animais -, ele se recusou a embarcar e abriu mão do emprego.

Após a promulgação do Ato Institucional Nº 5, durante o governo Costa e Silva, em 1968, Abdias foi incluído em diversos inquéritos policiais militares, acusado de fazer a ligação entre o movimento negro e a esquerda comunista. Ao ser convidado para fazer um intercâmbio com o movimento afro-americano, Abdias optou pelo exílio e ficou 13 anos fora do país, nos Estados Unidos. Em 1981, retornou ao Brasil, tornando-

3 Esta lei, de autoria de Cristovam Buarque, mas fruto de uma proposta apresentado por Abdias do Nascimento em 1983, torna obrigatório o ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.



Desenho de Abdias feito por aluna do colégio.
Este quadro está na entrada do colégio.

se um dos políticos mais atuantes em defesa dos direitos da população afro-descendentes, até o seu falecimento, em 2011. Após mergulharem na trajetória de vida do novo patrono da escola, e em suas múltiplas atuações, um aluno contou que a dimensão de Abdias que mais lhe chamou a atenção foi a de “guerreiro”.

Na esquete apresentada pelas alunas, Abdias deixa um recado para os jovens de hoje, que tem sido muito bem apropriado pelos estudantes: “estudar, aprender e se preparar para agir, criar e participar. Cada um tem o seu talento, o importante é saber usar em benefício próprio e das outras pessoas.” O Colégio Estadual Abdias do Nascimento é, portanto, um exemplo inspirador das significações emancipatórias que uma transformação nas políticas de memória pode gerar nos cidadãos. Ao mudar o nome de uma instituição de ensino para deixar de homenagear um ditador, através de um processo democrático, provoca-se a resignificação da história e do próprio espaço, estimulando a

reflexão e proporcionando novas apropriações sobre essas questões. Trata-se de um importante mérito das lutas em defesa da memória, da verdade e da justiça. Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça.

Trechos de Depoimentos

"Mexemos com as identidades para causar essa efervescência. Essa ebulição de saberes passa para os colegas () O novo nome precisava ter relação com o que a escola já fazia, por isso foram tratados esses dois nomes"

Selma dos Reis Prado, diretora da escola

"Eu nunca tinha imaginado o que se fazia na ditadura. É muito fácil falar e não ter vivido () Mas de certa forma ainda vivemos uma ditadura, existem pessoas sem liberdade"

Aluno da escola

"Depois que ocorreu essa mudança na escola, eu comecei a prestar muito mais atenção no nome das ruas, nas placas e estátuas pela cidade"

Professora da escola

Algumas publicações de Abdias do Nascimento

Abdias Nascimento: o Griot e as Muralhas. Pallas: Universidade do Texas, 2006. (escrito com Él Semog)

A Luta Afro-Brasileira no Senado. Brasília: Senado Federal, 1991.

Axés do Sangue e da Esperança: Orikis. Rio de Janeiro: Achiamé e RioArte, 1983.

Jornada Negro-Libertária. Rio de Janeiro: Ipeafro, 1984.

O Brasil na Mira do Pan-Africanismo. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/ EDUFBA, 2002.

O Genocídio do Negro Brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

O Quilombismo. Petrópolis: Vozes, 1980.

Orixás: os Deuses Vivos da África. Rio de Janeiro/ Philadelphia: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros/Temple University Press, 1995.

Povo Negro: A Sucessão e a "Nova República". Rio de Janeiro: Ipeafro, 1985.

Sitiado em Lagos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

Sortilégio (mistério negro). Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1959. (Peça de teatro)

Sortilégio II: Mistério Negro de Zumbi Redivivo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Peça de teatro)

Vídeos

Documentário sobre Abdias

<https://www.youtube.com/watch?v=sYLzhTyqt2U>

Performance teatral do grupo Fazendo Arte, do C.E Abdias do Nascimento

<http://vimeo.com/114956590>

Material produzido coletivamente com a equipe MVJ do ISER (Amy Westrop, Gustavo Simi e Luciana Chernicharo), Livia Buxbaum, da comunicação do ISER, Elisa Larkin, diretora do IPEAFRO, e alunos e professores do C. E. Abdias do Nascimento.

Rua do Russel, 76, 5º Andar, Glória, Rio de Janeiro
cartografiasdaditadura@iser.org.br

